



<https://doi.org/10.51880/ho.v26i3.1346>



História oral na Itália: trajetórias e desafios¹

Alessandro Casellato*

ORCID iD 0000-0002-0556-0803

Università Ca' Foscari Venezia, Dipartimento di studi umanistici, Venezia, Italia

Resumo: A história oral na Itália vive uma vida dupla: é desvalorizada e pouco reconhecida no espaço acadêmico, mas próspera e muito praticada na sociedade. O artigo traça as “características originais” e trajetórias da história oral italiana. Ele apresenta as atividades realizadas pela Associação Italiana de História Oral (AISO) desde sua criação em 2006 até o presente. Discute a relação ainda não pacificada entre a história oral e a historiografia acadêmica italiana. Finalmente, aborda a relação multifacetada entre história oral e arquivos, entre a virada digital, a “oralidade de arquivo” e o “ativismo arquivístico”.

Palavras-chave: Associação Italiana de História Oral. Historiografia. Arquivos orais.

Oral history in Italy: paths and challenges

Abstract: Oral history in Italy lives a double life: it is undervalued and little recognised in the academic space but thriving and widely practised in society. The article outlines the “original characters” and trajectories of Italian oral history. It presents the activities carried out by the Italian Oral History Association (AISO) from its foundation in 2006 to the present. It discusses the not yet pacified relationship between oral history and Italian academic historiography. Finally, it addresses the multifaceted relationship between oral history and archives, among the digital turn, “archival orality” and “archival activism”.

Keywords: Italian Oral History Association. Historiography. Oral Archives.

Apresentarei o quadro da história oral na Itália falando um pouco sobre seu passado e um pouco sobre o presente. Acredito que os leitores brasileiros estejam familiarizados com a história oral italiana principalmente através dos relatos de Alessandro Portelli

¹ Este artigo retoma a apresentação feita na mesa redonda “História oral na Itália e no Brasil: trajetórias e desafios”, promovida pelo Repositório de Entrevistas de História Oral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (REPHO/UFRGS), em 2 de março de 2023.

* Professor associado de História Contemporânea, Universidade Ca' Foscari de Veneza. E-mail: casellato@unive.it.

sobre ela. Portelli (1996) falou de um paradoxo da história oral italiana: ela é muito bem conhecida no mundo, mas pouco reconhecida na Itália.² Hoje, as coisas mudaram um pouco, mas certamente as “características originais” da história oral italiana ainda estão presentes: ela tem uma alma dupla e uma vida dupla, dentro e fora da universidade. Dentro da academia, ela ainda é pouco praticada e valorizada; mas na sociedade ela é difundida e mobiliza centenas de pesquisadores independentes, associações culturais e grupos sociais. A Associação Italiana de História Oral (AISO) vem tentando representar e fazer dialogar essas duas almas desde o seu nascimento em 2006.

A AISO nasceu quando a história oral na Itália tinha quase 80 anos de idade. A primeira instituição criada para coletar a herança sonora e oral italiana foi fundada em 1928 com o nome de Discoteca di Stato (Cavallari; Fischetti, 2014). Mas só nos anos 1950 é que foram iniciadas verdadeiras campanhas de pesquisa com fontes orais, utilizando os gravadores móveis disponíveis na época. O primeiro a ensinar como fazer pesquisa de campo foi o etnomusicólogo americano Alan Lomax, que viajou pela Itália periférica e rural em 1954 e 1955 gravando canções folclóricas diretamente no solo (Lomax, 2008). A partir de então, essa prática se espalhou. Foi utilizada principalmente por ativistas culturais e políticos, que gravaram as histórias de vida e canções sociais de grupos subalternos a fim de amplificar sua voz e fazê-la chegar à opinião pública nacional. Eles utilizavam todos os meios disponíveis: livros, jornais, mas também discos, concertos e apresentações teatrais. Desta forma, eles também construíram arquivos de fontes orais e gravações sonoras. Os nomes de ativistas mais famosos são os de Gianni Bosio e Nuto Revelli (Bosio, 1975; Revelli, 1977, 1985). Nos anos 1960, Bosio e outros militantes políticos e ativistas culturais de esquerda fundaram o Instituto Ernesto de Martino “Pelo conhecimento crítico e presença alternativa do mundo popular e proletário” (Bermani, 1997).

Os anos 1970 – que na Itália foram chamados “os longos ’68”, porque se caracterizavam pela força do movimento sindical, bem como do movimento estudantil – viram uma difusão da prática da história oral, especialmente entre os jovens. ’68 foi uma “tomada de palavra” generalizada. De lá nasceram novas subjetividades políticas: não só os trabalhadores, mas sobretudo as mulheres, as minorias “marginalizadas”. As culturas locais, dialetais e populares pediram para serem reconhecidas. Historiadores feministas como Luisa Passerini, Anna Bravo, Anna Maria Bruzzone se destacaram nesta fase.³

No final dos anos 1970, quando a época dos grandes movimentos sociais e políticos estava morrendo na Itália, a história oral começou a aparecer na universidade. Não foi um diálogo fácil. Um choque geracional e cultural se deu no campo acadêmico e historiográfico (Casellato, 2019; Fontegher Bologna, 2023). Deste choque surgiu a

2 Para alguns textos de referência sobre a história oral na Itália, ver: Contini; Martini, 1993; Contini, 2007; Bonomo, 2013.

3 Bruzzone; Farina, 1976; Beccaria Rolfi; Bruzzone, 1978; Bruzzone, 1979; Passerini, 1978. Sobre Anna Bravo, ver: Bonomo, 2020.

consciência teórica da “diversidade da história oral” que Portelli e Passerini tornaram famosa: no centro das fontes orais não estão apenas “fatos históricos”, mas acima de tudo a subjetividade e mesmo a intersubjetividade, a memória com suas distorções, narração e imaginário, que são eles mesmos “fatos históricos” (Passerini, 1985; Portelli, 2007).

Nos anos 1980, foram tentadas as primeiras formas de coordenação nacional entre historiadores orais, mas nenhuma associação real foi alcançada porque o movimento estava dividido entre aqueles que queriam manter a inspiração militante e antagonista da história oral, e aqueles que trabalhavam para promover um encontro com instituições (a universidade, arquivos públicos, escolas, autoridades locais, museus) e com o circuito de conferências científicas internacionais sobre história oral e a ampla rede de historiadores locais dentro do país (Arp, Leo, Maubach, 2019).

Foi somente na década de 1990 que foi realizada a primeira pesquisa universitária, financiada pelo Estado, que incluía a metodologia da história oral e era dedicada à memória dos massacres de civis durante a Segunda Guerra Mundial.⁴ Mas nas universidades não havia cursos de “História Oral” (e ainda não existem, exceto em dois ou três casos): a historiografia acadêmica ainda desconfia de uma metodologia considerada muito militante, não objetiva, ligada a fatos que são muito recentes para serem estudados como história. Entretanto, na mesma época, estávamos em meio à “era da testemunha” (Wieviorka, 1998). Fora da universidade, sindicatos, instituições locais, associações culturais, empresas privadas e escolas realizavam muitas campanhas para registrar entrevistas e histórias de vida, muitas vezes de forma ingênua e positivista, sem as ferramentas para interpretá-las adequadamente, sem mesmo a advertência necessária para produzir uma fonte histórica.

Em 2004, foi realizado em Roma o 12º Congresso Internacional de História Oral, com o tema *Memória e Globalização*, que envolveu 400 acadêmicos/as de 42 países de todos os continentes (depois dos Estados Unidos, o Brasil foi o país que enviou o maior número de comunicações e participantes). Foi um evento que mostrou a história oral ao público italiano como um fenômeno historiográfico mundial. A palestra introdutória foi proferida por Carlo Ginzburg, que situou a reflexão sobre a memória no âmbito dos estudos de história cultural e a globalização em um processo de longo prazo que remonta ao início da era moderna (Ginzburg, 2004). Alessandro Portelli apresentou os resultados do Congresso em uma das revistas historiográficas italianas mais inovadoras e, ao mesmo tempo, mais credenciadas na esfera acadêmica, *Quaderni storici*. Ele escreveu que “o congresso em Roma marcou um momento importante no processo pelo qual a história oral alcançou sua plena maturidade”, superando a “reação inicial de rejeição por parte de grande parte da comunidade científica e acadêmica,

4 O projeto de pesquisa universitária nasceu imediatamente após uma animada temporada de estudos de história oral em torno da memória da guerra e da Resistência (Contini, 1997; Portelli, 1999; Gribaudo, 2005, 2020). Essa linha de pesquisa teve outros desenvolvimentos dentro da universidade: Focardi, 2021.

uma reação que muitas vezes foi defensiva e corporativa, mas também muitas vezes provocada por simplificações excessivas e reivindicações feitas por setores da história oral” (Portelli, 2005).

O papel da Associação Italiana de História Oral

A AISO nasceu em 2006 consciente da existência dessa dupla alma da história oral na Itália: a acadêmica, muito pequena e bastante sofisticada, e a popular, mais difundida, mas muitas vezes ingênua. A AISO tenta representar ambos e colocá-los em diálogo, sabendo que eles podem se alimentar e fortalecer um ao outro.

Há uma demanda considerável por treinamento que grupos e associações locais dirigem à AISO: eles pedem para aprender a metodologia da história oral. A AISO responde através de Escolas de História Oral, que se instalam em vários lugares da Itália, em grandes e pequenas cidades, de onde quer que venha uma demanda: de Milão a Corleone, da Napoli a Torino, da capital Roma a cidades muito pequenas, como Fanano, nos Apeninos, ou Cison di Valmarino, nas colinas do Veneto.⁵ As Escolas são projetadas para responder às solicitações específicas de cada proponente: podem ter uma especificidade temática (a história dos hospitais psiquiátricos, a história do ambiente, a história do trabalho, a história urbana) ou metodológica (o uso da câmera de vídeo, ferramentas de transcrição, a construção de um arquivo, didática). Elas são realizadas de acordo com os atores locais, de forma artesanal.

Em comparação com associações mais sólidas e estruturadas como a britânica Oral History Society, que oferece cursos de treinamento estandardizados e replicáveis, a AISO adotou involuntariamente a estratégia do *Made in Italy*: produção artesanal, em pequena escala, ligada aos territórios. Isto produz Escolas de História Oral que são também oportunidades de descoberta, experimentação e aprendizagem mútua. A didática e a pesquisa são difíceis de distinguir. Mas essa escolha implica um grande esforço e uma difícil formalização de experiências e procedimentos.

A demanda potencial de treinamento é maior do que a força da associação. Muito do trabalho dos membros da AISO é voluntário. As conferências são abertas ao público e as Escolas de História Oral envolvem as comunidades locais e têm baixas taxas de filiação, que cobrem as despesas, mas não remuneram os palestrantes. Isto levanta muitas questões, especialmente com relação aos jovens membros – graduados, estudantes de doutorado, pesquisadores precarizados – que são os mais numerosos e os mais generosos. Esta generosidade é um legado da alma militante da história oral.

Nos últimos anos, temos enfrentado uma “corrida pela história oral”, em

5 As informações estão no *site* da AISO. Disponível em: <https://www.aisoitalia.org/notiziario/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

grande parte devido à virada digital, o que facilitou o registro de testemunhos e sua utilização também fora do campo científico que se expressa principalmente através de livros e artigos, ou seja, através de textos escritos e impressos. A internet deu amplo e indiscriminado acesso à história oral digital. Este é um fenômeno bem conhecido, que está sendo discutido em muitos países, porque esse uso público da história oral através da rede digital também acarreta novos problemas do ponto de vista ético e legal (Boyd; Larson, 2014; Bradley; Puri, 2016; Sheftel; Zembrzycki, 2017). Gostaria também de enfatizar os problemas culturais, pois a publicação de entrevistas ou trechos de entrevistas sem mediação e interpretação devolve as fontes orais a uma dimensão positivista, muito pobre, bem diferente da “diversidade da história oral” que conhecemos.

Outra novidade resultante da virada digital é a redescoberta da dimensão “aural” da história oral, ou seja, o fato de que as entrevistas não só podem ser transcritas e lidas, mas também ouvidas (Thomson, 2016). A virada digital facilitou o trabalho com documentos de áudio e a tecnologia de *podcast* reavivou “ensaios de áudio” ou “*áudio sages*”, que utilizam vozes, sons e música.

O documentário ou ensaio de áudio é um produto cultural que tem sua própria história. Os primeiros *audio docs* com palavras e música eram em discos de vinil: Gianni Bosio os usou extensivamente como ferramenta de propaganda e Sandro Portelli também começou sua relação com a história oral com um disco (Fanelli, 2017; Portelli, 2019). Mas nos últimos anos, os documentários de áudio têm tido grande sucesso graças à tecnologia *podcast*, que torna possível ouvir *online*, e até baixar para o *smartphone* os *audio docs* que estão disponíveis nos sites das estações de rádio que os transmitem ao vivo. É por isso que há grande interesse em arquivos orais feitos no passado, incluindo aqueles produzidos pela pesquisa histórica local que documentaram vozes, histórias e paisagens sonoras que não existem mais. Eles podem agora encontrar um novo público, como demonstram os documentários sonoros para a rádio nacional de Renato Rinaldi e Marcello Anselmo, com os quais a AISO colabora frequentemente.⁶

As tecnologias digitais permitem dar nova vida aos testemunhos de pessoas e grupos sociais que já não existem, reintroduzir suas histórias, linguagens e subjetividades em um circuito muito amplo, ampliar suas vozes dentro de um círculo de escuta nacional que na época dos eventos não tinham conseguido alcançar e que nem mesmo os livros de história escritos por historiadores locais tinham sido capazes de se interessar. Eles tornam possível restaurar a centralidade a temas, lugares e eventos que há muito tempo são considerados “periféricos”.

Trabalhar conscientemente nas dimensões auditivas da história significa gerar produtos complexos que são, ao mesmo tempo, acessíveis a um público mais amplo do que aqueles que leem livros.

6 Os documentários podem ser encontrados na plataforma RaiPlay Sound. Disponível em: <https://www.raiplaysound.it/programmi/tresoldi>. Acesso em: 10 dez. 2023.

História oral e historiografia acadêmica

A pesquisa sobre a dimensão sonora da história e sobre a reutilização dos arquivos orais é um terreno fértil de contato entre a “história oral selvagem” e a pesquisa acadêmica. Sobre esta última gostaria agora de me deter. De fato, um dos objetivos da AISO é representar aqueles que praticam a história oral como metodologia de pesquisa científica nas disciplinas de História, Antropologia e outras ciências sociais. Ainda existe um problema de legitimação historiográfica da metodologia da história oral nas universidades italianas (Bonomo, 2023). Não só a história oral é pouco praticada por aqueles que estudam história contemporânea, mas também os arquivos orais existentes não são consultados por pesquisadores que seriam obrigados a fazê-lo para o tipo de pesquisa que conduzem. Há uma falta de familiaridade na abordagem desse tipo de fonte, o que ainda hoje gera mal-estar em muitos estudiosos acadêmicos acostumados a trabalhar em arquivos, bibliotecas ou em seus escritórios em frente aos computadores. Ao contrário das aparências, fazer história oral é muito cansativo; também requer uma certa coragem, ou seja, uma vontade de diálogo com pessoas desconhecidas, que pertencem a outras classes sociais e que falam de forma diferente dos historiadores. Há um gradiente relacionado à idade e à carreira acadêmica: jovens, estudantes, doutorandos são muito propensos a usar este tipo de metodologia; à medida que se avança com a idade e a posição acadêmica, a prática da história oral diminui.

Resumos historiográficos recentes da história republicana italiana escritos por autores italianos não fazem uso de fontes orais; também não se referem à historiografia que os utilizou.⁷ Três anos atrás, o historiador Enzo Traverso dedicou um livro (muito discutido) a “escrever sobre o passado na primeira pessoa”: nem mesmo ele, nesse livro, considerou a história oral (Traverso, 2020). Um livro recém-publicado na Itália dedicado à história cultural não dedica nenhuma atenção à história oral (Banti; Fiorino; Sorba, 2023). Em vez disso, livros recentes de autores anglo-saxões dedicados à história italiana contemporânea fazem amplo uso da história oral e da historiografia que tem usado fontes orais.⁸

A comparação com a historiografia britânica é impiedosa: na Itália não existem livros, como os de Joanna Bourke (1994), Selina Todd (2014) ou Jon Lawrence (2019), que tratam da história social de seu país a longo prazo, utilizando fontes orais de forma sistemática. Na comparação com o Brasil, as diferenças também são sentidas: um dos primeiros centros de estudo da história contemporânea brasileira, junto à Fundação Getúlio Vargas (FGV), também é um dos laboratórios pioneiros de história oral; além disso, grande parte da historiografia sobre a ditadura posterior ao golpe de 1964 dialoga

7 Giovagnoli, 2016; Soddu, 2017; Gentiloni Silveri, 2019; Gotor, 2022.

8 Ginsborg, 1990; Forgacs; Gundle, 2007; Forgacs, 2014; Foot, 2018. Também recomendo Duggan, 2012, baseado em escritos autobiográficos de pessoas comuns, e a resenha da história oral italiana por John Foot (1998).

com a história oral, ou, no mínimo, contempla fontes orais (Ferreira; Delgado, 2019).

Entre os ego-documentos usados na historiografia italiana, os “escritos autobiográficos” (cartas, diários, memórias de pessoas comuns) ganharam um espaço muito maior de legitimidade do que as fontes orais (Brezzi; Gabrielli, 2022). Isto tem duas explicações. Por um lado, uma certa preguiça metodológica e a abordagem elitista de muitos historiadores acadêmicos italianos da época contemporânea, que preferem a história política e institucional, a história dos intelectuais e das classes dirigentes, e que têm pouco interesse em assuntos sociais (mulheres, trabalhadores, as classes populares, as periferias) e na história social em geral. Mas, por outro lado, a falta de legitimação da história oral e o uso de fontes orais na historiografia também é um problema relacionado à condição dos arquivos de fontes orais. Elas são de difícil acesso e carecem de ferramentas para facilitar seu uso: catálogos, índices, fichas de indexação, transcrições.

O compromisso da AISO com a metodologia de pesquisa é desenvolvido através da organização de conferências científicas, participação em uma revista de história oral (*Il de Martino. Storie suoni voci*, com Alessandro Portelli e muitos outros) e uma série editorial sobre história oral, dirigida por Gabriella Gribaudo.⁹ Em 2015, a AISO produziu o documento “Boas Práticas para a História Oral”; em 2020, foi revisado à luz da legislação europeia sobre dados pessoais.¹⁰ É o documento mais consultado no *site* da AISO (Casellato, 2021).

Arquivos orais, oralidade de arquivo, ativismo arquivístico

A AISO presta grande atenção ao tema dos arquivos e à preservação das fontes orais. Ela participa de uma coordenação nacional que inclui gestores do Ministério da Cultura, arquivistas, bibliotecários e outras associações científicas, tais como linguistas (Tavolo permanente per le fonti orali, 2023; Calamai; Casellato; Stamuli, 2022). O objetivo é ter a importância documental das fontes orais reconhecida e sensibilizar tanto os pesquisadores quanto os profissionais da preservação.

Preservar e tornar acessíveis os arquivos orais produzidos nas últimas décadas significa permitir novas pesquisas sobre entrevistas que não poderiam mais ser feitas porque as testemunhas não estão mais lá. De fato, falamos da reutilização científica dos dados produzidos por pesquisas passadas. Um exemplo são as gravações feitas durante a Primeira Guerra Mundial em campos prisionais alemães: os primeiros documentos sonoros em língua italiana foram gravados por etnógrafos alemães entre prisioneiros de

9 Para saber mais, visite o site da editora. Disponível em: <https://www.editpress.it/collana/storia-orale/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

10 Disponível em: <https://www.aisoitalia.org/buone-pratiche/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

guerra, há mais de cem anos. Os registros e cilindros foram encontrados em arquivos em Viena e Berlim e os linguistas agora os estudam: eles colocam novas questões a documentos sonoros antigos (Macchiarella; Tamburrini, 2018).

Para estudar a experiência popular do fascismo, a Segunda Guerra Mundial, a deportação, os bombardeios, os massacres, a Shoah, quase não temos testemunhas vivas. Entretanto, temos muitos arquivos orais com entrevistas gravadas nas últimas décadas. Muitas vezes esses arquivos não são acessíveis, eles estão submersos. Temos que salvá-los.

Gostaria de concluir refletindo sobre a relação entre a história oral e os arquivos: uma relação que contém muitas implicações interessantes. De fato, existe também uma “oralidade de arquivo”. Nos documentos dos séculos passados, há traços de mundos sonoros e vozes transcritas em papel, às vezes de forma muito precisa e detalhada: atas de interrogatórios, relatos de notícias – verdadeiras e falsas – transmitidas oralmente, transcrições de discursos de místicas, memórias de santos, autobiografias de criminosos (Malena, 2021). Até mesmo *O milhão* de Marco Polo foi ditado a um companheiro de prisão que o transcreveu.

Carlo Ginzburg nos ensinou a reconhecer que o inquisidor era uma espécie de antropólogo, que o juiz é um parente distante do historiador. Como nós, eles fazem perguntas e registram as respostas (Ginzburg, 1991, 2006). Destaco, portanto, que alguns historiadores da era moderna estão muito interessados em dialogar conosco em torno dessa história oral e sonora de arquivo. Sabemos que os arquivos não são socialmente neutros: eles refletem relações de poder desiguais; eles mostram, mas ao mesmo tempo escondem (Giuvà; Vitali; Zanni Rosiello, 2007). A história oral pode ser não uma alternativa à pesquisa arquivística, mas um contraponto e um complemento. Quero dizer que é muito útil e produtivo, quando possível, passar de arquivos para entrevistas, e vice-versa.

Há aspectos da vida das instituições e organizações que não estão documentados nos arquivos e que só podem ser aproveitados através de entrevistas. Sem conhecer os bastidores, nós interpretaríamos mal o que acontece na cena pública. Isto se aplica, por exemplo, àqueles que estudam a história dos partidos políticos, sindicatos e universidades: as atas e documentos oficiais são frequentemente reticentes e parciais (Viola, 2006; Casellato; Zazzara, 2022). Da mesma forma, as entrevistas às vezes trazem à tona histórias que sugerem ir aos arquivos para poder compreendê-las, contextualizá-las, interpretá-las. São talvez fragmentos de memória, ‘fósseis’ de tradições orais que podem datar de muitas décadas e que foram transmitidos oralmente dentro de famílias e comunidades locais.

Acontece que um pesquisador ouviu recentemente um “etnotexto”, uma tradição oral muito articulada, em rima e dialeto, que remonta às revoltas sociais de 1869. Procurou nos arquivos e encontrou nos arquivos e encontrou os documentos que ajudaram a entender esse conto. Mas sem a narrativa oral ele não teria tido a chave que

lhe abriu a porta do arquivo (Casellato, 2022).

Um último aspecto que liga a história oral e os arquivos refere-se ao “ativismo arquivístico”: um fenômeno contemporâneo muito interessante e difundido (Findlay, 2016). Alguns historiadores orais estão empenhados em construir arquivos do tempo presente para amplificar as vozes dos grupos marginalizados e oferecer uma documentação mais completa aos historiadores do futuro.¹¹ Um exemplo é a migração internacional: a Itália está no centro do Mediterrâneo, uma ponte entre a África, Ásia e Europa. Não longe de suas costas, milhares de migrantes morrem no mar a cada ano. Vários historiadores e ativistas estão empenhados em construir arquivos orais dos sobreviventes, de modo que reste um vestígio, uma memória, uma documentação dessa tragédia, através das palavras daqueles que a estão vivendo (Triulzi, 2020; Rioli, 2021).

Uma escritora mexicana, naturalizada nos Estados Unidos, de origem italiana distante, Valeria Luiselli, dedicou um belo livro ao *Arquivo das Crianças Perdidas*: são as crianças migrantes da América Latina para os Estados Unidos que não poderão mais testemunhar porque não estão mais lá: elas se perderam na viagem. Quem falará por elas? Este é um grande desafio para aqueles que fazem história (Luiselli, 2019).

Referências

ARP, Agnés; LEO, Annette; MAUBACH, Franka (Org.). *Giving a Voice to the Oppressed?: The International Oral History Association Between Political Movements and Academic Networks*. Berlin: De Gruyter, 2019.

BANTI, Alberto M.; FIORINO, Vinzia; SORBA Carlotta (Org.). *Lessico della storia culturale*. Roma-Bari: Laterza, 2023

BECCARIA ROLFI, Lidia; BRUZZONE, Anna Maria. *Le donne di Ravensbrück: Testimonianze di deportate politiche italiane*. Torino: Einaudi, 1978

BERMANI, Cesare. *Una storia cantata. 1962-1997: Trentacinque anni di attività del Nuovo Canzoniere Italiano*. Milano: Jaka Book, 1997.

BONOMO, Bruno. Anna Bravo e le fonti orali: un lungo percorso di ricerca, un patrimonio da cultivare. *Genesis*, v. 19, fasc. 1, p. 123-127, 2020.

BONOMO, Bruno. Storia, memória, subjetividade, fontes orais: um nó não resolvido? *Meridiana*. n. 106, p. 253-265, 2023.

BONOMO, Bruno. *Voci della memoria: L'uso delle fonti orali nella ricerca storica*. Roma:

11 Um exemplo brasileiro é a pesquisa “Documentando a experiência da Covid 19 no Rio Grande do Sul” (Rodeghero; Alves; Weimer, 2021). Na Itália, a AISO participa da construção de “casas da memória”, ou seja, de arquivos orais públicos, como instrumentos de documentação, auto-representação e redenção social em contextos locais, periféricos ou marginalizados como o bairro Pílastro, em Bolonha, e o bairro Sanità, em Nápoles (Canovi; Longo; Merini; Valisena, no prelo).

Carocci, 2013.

BOSIO, Gianni. *L'intellettuale rovesciato*. Milano: Bella Ciao, 1975.

BOURKE, Joanna. *Working-Class Cultures in Britain 1890-1960: Gender, class and ethnicity*. London/New York: Routledge, 1994.

BOYD, Douglas A.; LARSON, Mary A. (Org.). *Oral History and Digital Humanities: Voice, Access, and Engagement*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

BRADLEY, Kevin; PURI, Anisa. Creating an Oral History Archive: Digital Opportunities and Ethical Issues. *Australian Historical Studies*, v. 47, n. 1, p. 75-91, 2016.

BREZZI, Camillo; GABRIELLI, Patrizia (Org.). *La forza delle memorie: L'Archivio dei diari di Pieve Santo Stefano*. Bologna: Il Mulino, 2022.

BRUZZONE, Anna Maria; FARINA, Rachele. *La Resistenza taciuta*. Milano : La Pietra, 1976.

BRUZZONE, Anna Maria. *Ci chiamavano matti*. Torino: Einaudi, 1979.

CALAMAI, Silvia; CASELLATO, Alessandro; STAMULI, Maria Francesca. Collaborative best practices: An Italian Vademecum on the conservation, the description, the use and the re-use of oral sources. *Sonorités*, n. 48, p. 182-195, 2022.

CANOVI, Antonio; LONGO, Laura; MERINI, Hilde; VALISENA, Daniele (Org.). *Napoli si racconta: costruire memorie nel futuro del rione Sanità*. Milano: Mimesis, no prelo.

CASELLATO, Alessandro (Org.). *Buone pratiche per la storia orale: Guida all'uso*. Firenze: Editpress, 2021

CASELLATO, Alessandro; ZAZZARA, Gilda, *Renzo e suoi compagni: Una microstoria sindacale del Veneto*. Roma: Donzelli, 2022

CASELLATO, Alessandro. Made in Italy storiografico: Esiti culturali di una sconfitta politica. In: MONTEFUSCO, Antonio (Org.). *Italia senza nazione: Lingue, culture, conflitti tra Medioevo ed età contemporanea*. Macerata: Quodlibet, 2019. p. 159-177.

CASELLATO, Alessandro. Voci dal passato. Un «curioso dialogo» sui moti del macinato del 1869. *Il de Martino. Storie voci suoni*, n. 34, p. 27-42, 2022.

CAVALLARI, Piero; FISCHETTI, Antonella, *Voci della vittoria: La memoria sonora della Grande guerra*. Roma: Donzelli, 2014.

CONTINI, Giovanni; MARTINI, Alfredo, *Verba manent: L'uso delle fonti orali per la storia contemporanea*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1993.

CONTINI, Giovanni. *La memoria divisa*. Milano: Rizzoli, 1997.

CONTINI, Giovanni. Storia orale. In *Enciclopedia Italiana - VII Appendice*. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italia, 2007. Disponivel em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/storia-orale_\(Enciclopedia-Italiana\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/storia-orale_(Enciclopedia-Italiana)/). Acesso em: 10 dez. 2023.

DUGGAN, Christopher. *Fascist voices: An intimate history of Mussolini's Italy*. London: The Bodley Head, 2012.

FANELLI, Antonio. *Contro canto: Le culture della protesta dal canto sociale al rap*. Roma:

Donzelli, 2017.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). O tempo do regime autoritário: ditadura militar e redemocratização - Quarta República (1964-1985). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (O Brasil Republicano, v. 4).

FINDLAY, Cassie. Archival Activism. *Archives and Manuscripts*. v. 44, n. 3, p. 155-159, 2016.

FOCARDI, Filippo (Org.). *Le vittime italiane del nazionalsocialismo*: Le memorie dei sopravvissuti tra testimonianza e ricerca storica. Roma: Viella, 2021.

FONTEGHER BOLOGNA, Sergio. *Tre lezioni sulla storia*. Milano: Mimesis, 2023.

FOOT, John. *The archipelago*: Italy since 1945. London: Bloomsbury, 2018.

FOOT, John. Words, songs and books. Oral history in Italy. A review and discussion. *Journal of Modern Italian Studies*, v. 3, n. 2, p. 164-174, 1998.

FORGACS, David; GUNDLE, Stephen. *Mass culture and Italian society from fascism to the cold war*. Bloomington: Indiana University Press, 2007.

FORGACS, David. *Italy's Margins*: Social Exclusion and Nation Formation since 1861. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

GENTILONI SILVERI, Umberto. *Storia dell'Italia contemporanea*: 1943-2019. Bologna: Il Mulino, 2019.

GINSBORG, Paul. *A History of Contemporary Italy*: Society and Politics, 1943-1988. London: Penguin, 1990.

GINZBURG Carlo. *Il giudice e lo storico: Considerazioni in margine al processo Sofri*. Torino: Einaudi, 1991.

GINZBURG, Carlo. L'inquisitore come antropologo. In: GINZBURG, Carlo. *Il filo e le tracce*: Vero, falso, finto. Milano: Feltrinelli, 2006. p. 270-281.

GINZBURG, Carlo. Memoria y globalización. *Historia, antropología, y fuentes orales*, n. 32, p. 29-40, 2004.

GIOVAGNOLI, Agostino. *La Repubblica degli italiani*: 1946-2016. Roma-Bari: Laterza, 2016.

GIUVA, Linda; VITALI, Stefano; ZANNI ROSIELLO Isabella (Org.). *Il potere degli archivi*: Usi del passato e difesa dei diritti nella società contemporanea. Milano: Bruno Mondadori, 2007.

GOTOR, Miguel. *Generazione Settanta*: Storia del decennio più lungo del secolo breve 1966-1982. Torino: Einaudi, 2022.

GRIBAUDI, Gabriella, *Guerra totale*: Tra bombe alleate e violenza nazista. Roma: Bollati Boringhieri, 2005.

GRIBAUDI, Gabriella, *La memoria, i traumi, la storia*: La guerra e le catastrofi nel Novecento. Roma: Viella, 2020.

LAWRENCE, Jon. *Me, Me, Me?: Individualism and the Search for Community in Post-War England*. Oxford: OUP, 2019

LOMAX, Alan. *L'anno più felice della mia vita: Un viaggio in Italia 1954-1955*. Milano: Il Saggiatore, 2008.

LUISELLI Valeria. *Archivio dei bambini perduti*. Roma: La Nuova Frontiera, 2019.

MACCHIARELLA Ignazio, TAMBURRINI Emilio (Org.). *Le voci ritrovate: Canti e narrazioni di prigionieri italiani della Grande Guerra negli archivi sonori di Berlino*. Udine: Nota, 2018.

MALENA, Adelisa. *The sound of silence: Spunti per un dialogo attraverso i secoli*. CASELLATO Alessandro (Org.). *Buone pratiche per la storia orale: Guida all'uso*. Firenze: Editpress, 2021. p. 155-182.

PASSERINI, Luisa (Org.). *Storia orale: Vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1978.

PASSERINI, Luisa. *Storia e soggettività: Le fonti orali, la memoria*. Firenze: La Nuova Italia, 1985.

PORTELLI, Alessandro. Italian Oral History: Roots of a Paradox. In: DUNAWAY, David K.; BAUM, Willa K. (Org.). *Oral history: An interdisciplinary anthology*. Walnut Creek: Altamira Press, 1996. p. 391-416.

PORTELLI, Alessandro. *L'ordine è già stato eseguito: Roma, le Fosse Ardeatine, la memoria*. Roma: Donzelli, 1999.

PORTELLI, Alessandro. Premessa. *Quaderni storici*, n. 120, p. 653-656, 2005.

PORTELLI, Alessandro. Registratori, resistenze e lotte contro le ingiustizie, *Internazionale*, 1 maggio 2019. Disponivel em: <https://www.internazionale.it/notizie/alessandro-portelli/2019/05/01/canzoni-protesta> Acesso em: 10 dez. 2023.

PORTELLI, Alessandro. *Storie orali: Racconto, immaginazione, dialogo*. Roma: Donzelli, 2007.

REVELLI, Nuto. *Il mondo dei vinti: Testimonianze di vita contadina*. Torino: Einaudi, 1977.

REVELLI, Nuto. *L'anello forte. La donna: storie di vita contadina*. Torino: Einaudi, 1985.

RIOLI, Maria Chiara. *Archivio Mediterraneo: Documentare le migrazioni contemporanee*. Roma: Carocci, 2021.

RODEGHERO, Carla Simone; ALVES, Clarissa Sommer; WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Storia orale del Covid-19 in Brasile: Una testimonianza. *Il de Martino. Storie voci suoni*, n. 31, p. 47-54, 2021.

SHEFTEL, Anna; ZEMBRZYCHI Stacey. Slowing Down to Listen in the Digital Age. How New Technology Is Changing Oral History Practice. *Oral History Review*, v. 44, n. 1, p. 94-112, 2017.

SODDU, Paolo. *La via italiana alla democrazia: Storia della Repubblica 1946-2013*. Roma-Bari: Laterza, 2017.

TAVOLO PERMANENTE PER LE FONI ORALI. *Vademecum per il trattamento delle fonti orali*. Roma: Ministero della Cultura; Direzione Generale Archivi, 2023. Disponivel em: <https://dgagaeta.cultura.gov.it/public/uploads/documents/Quaderni/65378110481ed.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.

THOMSON, Alistair. Digital Aural History: An Australian Case Study. *Oral History Review*, v. 43, n. 2, p. 292-314, 2016.

TODD, Selina. *The People: The Rise and Fall of the Working Class 1910-2010*. London: John Murray, 2014.

TRAVERSO, Enzo. *Passés singuliers: Le «je» dans l'écriture de l'histoire*. Montréal: Lux, 2020.

TRIULZI, Alessandro. Archiviare il presente: L'autonarrazione dei migranti come fonte. In: SALERNO, Daniele; VIOLI, Patrizia (Org.). *Stranieri nel ricordo: Verso una memoria pubblica delle migrazioni*, Bologna: Il Mulino, 2020. p. 41-62.

VIOLA, Paolo. *Oligarchie: Una storia orale dell'università di Palermo*. Roma: Donzelli, 2006.

WIEVIORKA, Annette. *L'ère du témoin*. Parigi: Plon, 1998.

Recebido em 29/03/2023

Versão final reapresentada em 27/06/2023

Aprovado em 03/11/2023

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflito de interesses: nada a declarar.